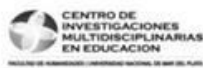


7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO EM PESQUISA NARRATIVA

Batista Faria Juliana

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

julianabatistafaria@gmail.com

Resumo: O propósito desta comunicação é abordar algumas reflexões que realizo enquanto produzo meu relato autobiográfico de experiência de formação em pesquisa narrativa. O relato está sendo elaborado como fonte, processo e produto de um modo de escrever narrativamente o texto da tese que resultará de minha pesquisa de doutorado. A investigação busca reconstruir, indagar e interpretar experiências de formação de licenciandos participantes de um projeto de formação docente que se desenvolve na escola em que atuo como professora de matemática e como formadora de professores de distintas áreas do conhecimento escolar. Os diferentes tipos de escrita narrativa produzidos na investigação são substancialmente alimentados por minha participação em processos de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas coordenados e investigados pelo grupo *Memoria Docente y Documentación Pedagógica* da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Tais processos, dos quais participo, desde 2016, formando-me concomitantemente como docente-investigadora-narradora e como docente-investigadora-coordenadora de um grupo de docentes-investigadoras-narradoras, me deram a oportunidade de construir as bases teórico-metodológicas, epistemológicas e afetivas que sustentaram o meu processo formativo em pesquisa narrativa no campo educativo.

Palavras-chave: relato de experiência de formação, pesquisa (auto)biográfica e narrativa em educação, documentação narrativa de experiências pedagógicas

Introdução

O propósito desta comunicação é abordar algumas reflexões que realizo enquanto produzo meu relato autobiográfico de experiência de formação em pesquisa narrativa. O relato está sendo elaborado como fonte, processo e produto de um modo de escrever narrativamente o texto da tese que resultará de minha pesquisa de doutorado. A

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

investigação busca reconstruir, indagar e interpretar experiências de formação de licenciandos participantes de um projeto de formação docente que se desenvolve na escola onde atuo como professora de matemática e como formadora de professores de distintas áreas do conhecimento escolar: o Projeto Imersão Docente do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Uma das intrigas narrativas de minha tese diz respeito à minha vivência do processo investigativo como uma experiência de formação em pesquisa narrativa que, ao ser reconstruída na forma de um relato autobiográfico, tece reflexões sobre o próprio processo investigativo-formativo de produção de relatos de experiência de formação. Essa intriga, de característica metanarrativa, começa a ser configurada no início do texto de minha tese. Ao longo de outros capítulos, o mesmo relato continua sendo reescrito em diferentes tipos ou estilos de escrita narrativa que dão continuidade ou profundidade à história contada e configuram a própria maneira como o diálogo com a literatura é construído, de tal modo que é possível que, em sua publicação final, a própria tese, tomada em sua totalidade, enquanto produção textual, possa ser caracterizada como um relato de experiência de formação em pesquisa narrativa.

No âmbito do presente texto, apresentarei alguns trechos da atual versão do relato, os quais serão trazidos à tona para caracterizar como se constrói o texto da tese e dar lugar a reflexões a respeito de algumas decisões tomadas no processo de sua escrita, as quais proponho colocar em debate e conversação no evento em que se publica esta comunicação.

Finalizo esta introdução com um parágrafo que, já adentrando no conteúdo da próxima seção, demonstra o estilo de formatação com o qual os trechos mencionados serão apresentados.

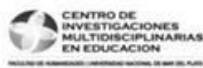
Em vez de escrever sentada na cadeira do saber socialmente legitimado, sobre a mesa do estado da arte do conhecimento acadêmico, com a caneta de objetivos bem definidos, sobre um papel metodologicamente já recortado, passei a escrever sentada na cadeira da narradora, sobre a mesa bamba da experiência, com a caneta da interpretação e sobre

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

diferentes suportes de escrita.

Algumas características do texto da tese

No texto de minha tese, a escolha dos autores com quem dialogar e o modo como busco sustentar esse diálogo (priorizando a primeira pessoa do singular) decorrem das singularidades e necessidades específicas de meu processo formativo em pesquisa narrativa e da própria produção de *relatos de experiência de formação* (cf. Bustelo, 2016; Míguez, 2016) dos sujeitos do *Projeto Imersão Docente* (cf. Faria e Zaidan, 2015). É uma escolha interessada e orientada pelo posicionamento que assumo como investigadora na construção do texto.

Esta elección evidencia que en el modo de presentación se expresa la subjetividad de la investigadora como posicionamiento epistemo-político. La primera persona indica un modo singular, único y situado de organizar, conocer y aprender de la experiencia, que siempre es compartida y por tanto colectiva. En esa primera persona están todas las otras voces que me constituyen. El relato personal es siempre un relato colectivo que implica la propia narración de la experiencia de investigar en tanto constituye para el investigador una instancia formativa (Bustelo, 2016, p. 24).

A perspectiva narrativa, autobiográfica e biográfica de minha investigação, com seus critérios, métodos e linguagem próprios e pertinentes ao campo das *pesquisas (auto)biográficas e narrativas em educação* (cf. Abrahão, 2004; Bolívar, 2002; Bolívar e Domingo, 2006, Clandinin e Connelly, 2011; McEwan e Egan, 2012; Nóvoa e Finger, 2010, Rivas Flores, 2007, Souza *et. al.*, 2010), está sendo construída em seu transcurso. Narrando minha experiência de formação, convido a teoria a visitar meu texto, para reconstruí-la em diálogo com outros e outras que se puseram a dizer a sua palavra escrita desde um lugar acadêmico socialmente legitimado. Desse modo, a teorização que busco construir na tese é narrativa, reflexiva, metodológica e formativa.

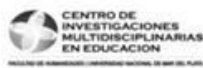
A metodologia se constrói no *dizer – pensar e sentir* – a palavra escrita, considerando minha *presença-de-corpo* enquanto autora e protagonista de minha formação acadêmica. Ela também se constrói na própria configuração da “*intriga narrativa*” (Ricoeur 19--., 1994, 2006), ao incluir reflexões metanarrativas sobre o processo de produção dos

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

relatos, estando presente, portanto, entranhada e recursivamente ao longo de todo o texto. Desse modo, a metodologia de minha investigação não se resume a um capítulo metodológico. Ela está na forma, no conteúdo e na própria razão de existir do estudo.

Para produzir os relatos de experiência de formação, dialogo especialmente com as investigações do grupo *Memoria Docente y Documentación Pedagógica* da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Meus diferentes tipos ou estilos de escrita narrativa são substancialmente alimentados por minha participação em processos de *Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas* (cf. Argnani, 2014; Dávila, 2014; Gondim, 2014; Suárez, 2009, 2011, 2012) coordenados e investigados por esse grupo, por meio dos quais venho formando-me em investigação narrativa, desde meados de 2016, por ocasião de meu estágio de doutorado-sanduíche. Minha participação em um projeto de pesquisa e extensão, atuando concomitantemente como docente-investigadora-narradora e como docente-investigadora-coordenadora de um grupo de docentes-investigadoras-narradoras, possibilitou-me construir as bases teórico-metodológicas, epistemológicas e afetivas que fundamentaram o meu processo formativo em pesquisa narrativa no campo educativo, além de terem impulsionado um movimento de reconstrução da minha condição docente, em sua dimensão mais subjetiva.

A Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP) é uma “modalidade de pesquisa-ação-formação orientada para reconstruir, tornar públicos e interpretar os sentidos e significações que os docentes produzem e põem em jogo” (Suárez, 2008, p. 103) quando se dedicam a escrever, ler, refletir e conversar sobre suas próprias práticas educativas. É uma estratégia de trabalho colaborativo entre investigadores e professores que se encontram dispostos a realizar, individual e coletivamente, indagações qualitativas sobre a realidade escolar (Suárez, 2011).

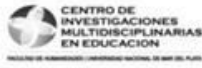
Os professores e pesquisadores envolvidos elaboram relatos de experiências pedagógicas que são colaborativamente compartilhados, de modo a “desenvolver e pôr a

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

prova novas formas de nomear e considerar, em termos pedagógicos, o que acontece nos mundos escolares e o que acontece aos atores educativos quando os fazem e neles transitam” (Suárez, 2008, p. 103). Uma vez que esses relatos são debatidos e publicados, passando a circular entre as comunidades de docentes leitores e escritores de narrativas pedagógicas, tais relatos passam a ser considerados documentos pedagógicos do campo educativo.

O silêncio daqueles talleres de escritura. O som da leitura. A respiração para fazer o comentário. Não era o silêncio de quem tem medo de falar nem a respiração de quem se prepara para contra argumentar. Era escuta. Era o tempo necessário para sentir que, se as palavras de outro professor ou professora me causavam algum incômodo ou mal-estar, era preciso esperar pela conversa, verificar se o mal-estar não era precisamente algum tipo de racionalidade ou sensação indolente morando dentro de mim. (...) Nossas palavras eram consideradas legítimas como experiência. Os sentidos de nossas palavras eram cuidadosamente indagados para servir ao relato de nossas experiências pedagógicas, de tal maneira que não tínhamos que prestar reverência a nenhum postulado ou filiação teórica, tampouco preocupar-nos com algum pré-julgamento advindo de nossas práticas. Éramos um grupo de docentes que, escrevendo, refletindo e conversando sobre nossas escritas, sob determinadas condições e com uma série de cuidados metodológicos tomados, e também ensinados, pela equipe de investigação e coordenação do processo, aprendíamos a reconhecer e refletir sobre a autenticidade de nossas experiências, em um esforço de superação de nosso medo – ou autoritarismo – de dizer nossa palavra. Com isso, outros sentidos e interpretações de nossa experiência educativa escolar se desanuviavam, se reconstruíam, se reelaboravam. Com isso, escolhíamos manter as mesmas palavras no relato, retirar ou colocar as aspas delas, ou simplesmente escolher outras palavras que pudessem expressar os sentidos reconstruídos.

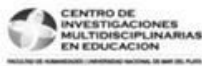
Em processos de DNEP, sou docente-narradora investigando minha prática pedagógica. No processo de investigação doutoral, sou docente-narradora-aprendiz-de-pesquisadora-narradora investigando a experiência de formação de outras pessoas e que, junto a isso, por causa disso e para isso, reconstruo minha experiência de formação em pesquisa narrativa. A recursividade e a metanarratividade do discurso e da prática da investigação expressam a busca de uma *práxis* investigativa enquanto reflexão e ação transformadora, “fonte de conhecimento reflexivo e criação” (Freire, 2005, p. 106).

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

A *práxis* investigativa apoiada no diálogo que construo entre minha experiência de formação e a literatura do campo das pesquisas (auto)biográficas e narrativas em educação, busca dar sustentação a que distintas versões de meu relato de experiência de formação em pesquisa narrativa sejam tomadas como fonte, metodologia e produção de conhecimento em uma tese que, de modo bastante experimental, se constrói narrativamente. Os autores e autoras com quem dialogo surgem no “mundo do texto” (Ricoeur, 2006) como se fossem personagens que uma professora, aprendendo a fazer pesquisa narrativa, encontra em seu processo formativo. Esses encontros, tal como acontece quando converso com pessoas que leem e comentam o meu relato, são novas oportunidades de reconfigurar a “intriga narrativa” (Ricoeur 19--., 1994, 2006) do relato de experiência de formação que reescrevo continuamente no processo investigativo.

Essa produção narrativa que pode caracterizar minha investigação como uma “pesquisa-formação” (Josso, 2004) me exige a escrita e reescrita de várias versões de uma *história de histórias* de minha biografia escolar, acadêmica e profissional. Diferentes histórias são contadas e entrelaçadas em uma intriga tecida na história da produção de uma tese narrativa. A dimensão autobiográfica da investigação é construída, portanto, como um movimento de “biografização” (Delory-Momberger, 2009, 2014, 2015), o qual me exige grande esforço de distanciamento, resignificação e tomada de decisão sobre as histórias aparentemente dispersas de minha vida que entram ou saem de suas distintas versões, no intuito de produzir conhecimento para o campo educativo, especialmente no que diz respeito à formação docente. Esforço que, por sua vez, está estreitamente vinculado a dimensões éticas da pesquisa narrativa, sobre as quais passo a refletir na próxima seção deste texto.

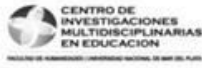
O dizer narrativo, a autenticidade da experiência de formação e a construção da autoria no texto acadêmico: reflexões sobre as dimensões éticas da pesquisa narrativa
Meu esforço de teorização se materializa nas reflexões formativo-teórico-metodológicas

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

que fazem parte da narrativa da pesquisa. Para mim são reflexões profundamente formativas porque a teoria e a metodologia da pesquisa não vieram de fora, não foram tomadas como algo que eu primeiro “li nos textos, entendi, fichei e depois apliquei”, tampouco são a voz autorizada que utilizei para encontrar o que devo dizer no meu escrever. Elas vêm de dentro, surgem das minhas necessidades, curiosidades e inquietações como aprendiz e habitante deste mundo acadêmico, da minha própria experiência de formação no contexto desta investigação. Embora esse processo seja algo demasiado cheio de “eu mesma”, a tal ponto que às vezes sinto enfadonha essa presença constante de mim mesma no texto, algo bastante curioso acontece: o texto parece ganhar vida própria e passa a fazer um chamado a outros textos. As reflexões elaboradas em papel e tela convidam outros e outras autoras para a conversa, e é nesse preciso momento que sinto estarem dadas as condições humanizadas para o meu diálogo com a literatura.

A produção de meu relato de experiência de formação em pesquisa narrativa se realiza responsabilmente na busca de uma “eticidade” (Freire, 1996) do meu dizer. Considero que uma das dimensões éticas da pesquisa narrativa está no apreço e no cuidado para com as palavras escritas e para com o mundo recriado por elas. O processo de reconstrução de uma experiência de formação na linguagem de um relato escrito narrativamente é bastante complexo, delicado, artesanal. É um processo fundamentalmente humano, por isso se faz na tensão entre a ética e a “possibilidade de sua transgressão” (Freire, 1996, p. 125).

La experiencia de formación conmueve el mundo singular, y por eso trastoca experiencias colectivas. Es decir, la experiencia, si bien radicada en la vivencia personal, si bien es íntima, interior y localizada; está inscripta en mundos colectivos. No puede estar separada de otro, o de muchos otros que constituyen un colectivo. La experiencia de formación singular, es siempre, se inscribe en, modifica y construye experiencia colectiva (Bustelo, 2016, p. 79).

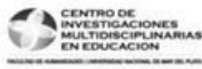
O mundo que meu relato autobiográfico recria tem referência no mundo da escola onde trabalho e da universidade em que estudo desde a minha graduação. Por isso, permanentemente tenho exposto suas distintas versões a leituras e comentários de colegas professores e pesquisadores de minha confiança, pessoas que são habitantes desses lugares e de outros contextos educativos. O que me mobiliza a conversar com elas é, por um lado, validar, aprofundar e construir novas interpretações sobre o fenômeno investigado; por

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

outro, perceber, nas críticas, reflexões e interpretações de meus leitores, quais são as possíveis repercussões do meu dizer no “mundo da vida” (Ricoeur, 2006) de quem me lê.

Ciente de que minha própria percepção sobre as interpretações dessas pessoas é auto referenciada em meu corpo e que as interpretações possíveis jamais estarão concluídas na escrita do texto, construo a indispensável *eticidade* de meu dizer na busca de uma fidelidade das palavras que escolho usar para com o meu processo formativo e de uma honestidade delas para com as sensações de meu corpo, fidelidade e honestidade que não se separam do meu sonho de liberdade, hoje alimentado pela “compreensão metafórica da linguagem” (Pellauer, 2010; Ricoeur, 2000) e pela compreensão da formação vivida como “experiência” (Larrosa, 1995, 2004, 2016). Como estudante da pós-graduação, construo minha “presença no mundo” (Freire, 1996) ocupando o espaço da universidade de modo a lutar para que ela seja tempo de construção de uma “pedagogia da autonomia” (Freire, 1996). Busco essa *eticidade* também no esclarecimento de mim mesma em relação às decisões que tomo no decorrer da pesquisa, às posições que assumo, às escolhas que faço como autora. Esclarecimento que se nutre do cuidado para com o *mundo da vida* que habita e é habitado pela escola, pela universidade e pelos outros espaços de minha formação.

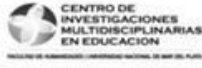
Fomos e somos educados pela palavra. Ela me parece ser a nossa principal forma de pensamento-ação no mundo. Ah, se eu pudesse fazer essa tese como um grande mural de pintura ou uma performance de dança! Se o processo de aprovação de um projeto de lei absurdo pudesse ser uma peça de teatro mudo... Se uma presidente legitimamente eleita pudesse cantar uma ópera para defender seu direito de continuar a governar... Muitos dramas de nossa existência talvez já estivessem por terminar. A palavra não sabe tudo, mas a tese precisa ser escrita em palavra. Por isso e também por mim, é preciso resgatá-la, reconhecê-la e refazer meu horizonte de uso dela. Ressignificar minha maneira de ler e escrever o mundo, demolindo o juízo encarcerador da palavra, aquele mesmo juízo que me havia afundado em paradoxos da existência. Construir a confiança de que sentidos múltiplos são possíveis por essa experiência de palavra que me atravessa. (...) O resgate da confiança nas palavras se expressa nos mínimos detalhes da feitura deste texto de tese. É surpreendente a quantidade de “aspas” que retiro de minhas primeiras escritas e como

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

elas insistem em aparecer a todo momento do meu ato de escrever. As aspas, como expressão viva de meu corpo, revelam o quanto peço licença para dizer a minha palavra. O quanto tenho medo de que me interpretem mal ou a ilusão de controlar a interpretação que outros farão de minha palavra escrita. Expressam o quanto, nos tempos de hoje, está difícil conversar: na família, na rua, na rede social, na comunidade religiosa, na câmara dos deputados, na escola, na universidade. No limite que a publicação de meu texto impõe à minha presença-de-corpo na palavra escrita, expressam o quanto suponho leitores de determinadas seitas ou que, mesmo não se identificando com seita alguma, estejam prontos para deslegitimar minha palavra em sua maneira de ler o que eu escrever.

No processo de escrever o texto de qualificação de minha pesquisa, tomei a decisão de escrever a primeira versão do meu relato autobiográfico como versão introdutória do trabalho, porém sem mencionar explicitamente nenhum autor ou autora do campo acadêmico cujos textos eu havia lido até então em meu processo de investigação e formação. Tais autores e autoras foram explicitados posteriormente, nos capítulos seguintes a essa introdução, em diálogos explícitos com as ideias do meu texto ou em notas de rodapé. Cada leitor ou leitora da versão introdutória, em sua própria *experiência* de leitura, reconheceu autores e autoras que eu havia lido (ou não) para escrevê-la. Sustentando a busca da *eticidade* de meu (não) dizer com um gesto – uma escrita – de ousadia no texto de qualificação, o qual eu também interpretava como um gesto de provocação de inquietações, curiosidade, imaginação e críticas que me auxiliariam a continuar escrevendo o mesmo relato, tive a oportunidade de conhecer, de acordo com a interpretação dos meus leitores, quais seriam os autores e autoras cujas ideias se fizeram presentes na escrita de meu relato.

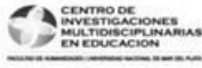
Naquela ocasião, eu havia tomado como princípio de eticidade em minha escrita do relato introdutório uma licença político-poética que aprendi a usar para escrever meus relatos de experiência pedagógica nos processos de DNEP. Com a vivência desses processos aprendi que nós, professoras e professores da educação básica e do ensino superior, somos autoras e autores de nossos relatos de experiência, expressamos criatividade, reflexividade e autenticidade em nosso dizer. Aprendi fundamentalmente que podemos tomar as palavras do mundo de nossas escolas e universidades como pistas de experiência a serem continuamente indagadas, aprofundadas, reconstruídas, ressignificadas nos textos de nossa autoria. Aprendi que a escrita de nossas narrativas é um processo legítimo de

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

produção de conhecimento e a reflexão coletiva sobre elas é também um processo de reconhecimento e assunção de nossos posicionamentos, de construção de possibilidades para que possamos intervir discursivamente, como sujeitos de experiência e de saber, nos debates públicos do campo educativo (escolar e acadêmico).

O modo de apresentação inicial da versão introdutória provocou, no contexto de sua avaliação, questionamentos e reflexões pertinentes ao processo de legitimação do conhecimento acadêmico, especialmente no âmbito de um curso de doutoramento, levando-me a questionar a minha decisão: será que estou levando ao extremo o uso dessa licença? Será que a mesma espécie de licença pode ser tomada no contexto de produção de um relato de pesquisa de doutorado? Há alguma dimensão ética do uso das palavras no mundo dos textos acadêmicos que está sendo transgredida com este tipo de escrita?

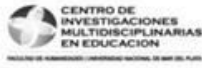
Responder a essas perguntas é algo muito mais complexo que apenas dizer *sim* ou *não*. Um simples *sim* a elas já me obrigaria a rever toda a escrita do presente texto, sem que o princípio de *eticidade* anteriormente mencionado fosse analisado com a devida profundidade. Buscando esclarecer qual o tipo de revisão da escrita a que me refiro, convido o leitor e a leitora a refletirem sobre o perigo que encarna esse tipo de resposta: supondo a resposta *sim*, no próprio parágrafo anterior a elas, eu teria de dizer, por exemplo, que a expressão *licença político-poética* é “invenção minha”, na medida em que condensa um “núcleo de sentido” (Bustelo, 2016) que, em minha narrativa autobiográfica, configura a intriga da minha experiência de formação. Essa experiência é fortemente marcada pelas condições socioculturais de minha existência e pelas singularidades do modo como aprendi a escrever relatos de experiência pedagógica no contexto da DNEP. A questão perigosa para o exemplo em questão está no fato de que não encontrei a dita *licença político-poética* escrita nos textos que li sobre o processo de DNEP. No entanto, um leitor que desconheça esses textos ou o processo de DNEP poderia – como de fato já presenciei acontecer – interpretar a expressão como uma espécie de incentivo ou instrução formalmente dada pela metodologia da DNEP para que docentes escrevam textos que não explicitem a autoria das

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

palavras que possam ter sido lidas em textos acadêmicos que participaram de algum momento de sua formação.

Outro exemplo perigoso no mesmo parágrafo em questão: eu teria de verificar, nas frases em que escrevo “o que aprendi” com a DNEP, se há algo que possa ser identificado por outrem como expressão ou paráfrase de algum dos variados textos que já li de autoria de integrantes do grupo *Memoria Docente y Documentación Pedagógica*. Esse é um risco que corro a todo momento em que reconstruo narrativamente minha experiência de formação, uma vez que meu corpo já se apropriou de muitas palavras desses autores e autoras, pronunciadas tanto no mundo dos textos acadêmicos quanto no *mundo da vida* que compartilho com eles e elas na Universidade de Buenos Aires. Esse risco se aplica a toda e qualquer leitura incorporada à minha experiência de formação.

Avalio que a infinidade do risco que corro nesse processo não pode ser imobilizadora de minha ação de escrever este relato autobiográfico e dar o meu texto a ser lido publicamente antes mesmo da conclusão da tese. A minha vida segue seu curso, com suas histórias ora distanciando-se, ora enredando-se na narrativa que escrevo. A narrativa, por sua vez, reconfigura-se de acordo com o círculo hermenêutico que é constantemente atualizado no processo investigativo que participa da minha vida.

No bojo desta simulação de uma resposta simplificadora (*sim*) às questões éticas aqui colocadas, outra pergunta igualmente complexa está latente em meu corpo: se a mesma resposta vale para os textos acadêmicos que alimentam o meu processo formativo, elas teriam de valer para textos não-acadêmicos que também me dão muitas das palavras que uso para reconstruir a minha experiência de formação em pesquisa narrativa?

O mesmo relato introdutório do texto de qualificação havia sido anteriormente dado à leitura e comentários de outras professoras e professores de minha confiança, o que já havia me oportunizado perceber que o leitor, ao participar da “produção da inteligência do texto” (Freire, 1997), também pode atribuir diferentes autorias ou possíveis fontes de leitura às palavras que o compõem. Isso inclui autorias que eu, como autora do mesmo texto interpretado por esse leitor, desconheço direta ou indiretamente como leitora. E

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

também exclui autorias que esse leitor sequer menciona ou identifica em sua leitura do texto. Além disso, pude perceber o quanto as palavras do meu texto pareciam ganhar outra vida na leitura dessas pessoas, com interpretações e reações corporais muito distintas entre si e diferentes daquelas que eu mesma havia construído ou vivido durante a escrita do relato. Como afirma o autor Paul Ricoeur,

el proceso de composición, de configuración, no se acaba en el texto, sino en el lector, y bajo esta condición, hace posible la reconfiguración de la vida por el relato. Más concretamente: el sentido o el significado de un relato surge en la intersección del mundo del texto con el mundo del lector. El acto de leer pasa a ser así el momento crucial de todo el análisis. Sobre él descansa la capacidad del relato de transfigurar la experiencia del lector (Ricoeur, 2006, p. 15).

Participar do movimento de reinterpretação do texto que escrevi, movimento que, enquanto ação de ler o texto, conclui o “círculo hermenêutico” (Ricoeur, 19--., 1994) de sua interpretação, possibilitou-me começar a esboçar essas e outras reflexões sobre o lugar de nossa escrita (acadêmica) no *mundo da vida*; sobre o modo como consideramos ou negamos a possibilidade de que outras leituras sejam incorporadas à escrita dos nossos textos; sobre quais são as motivações que nos alimentam quando, em nossos textos acadêmicos, advogamos em prol de que o conhecimento produzido na universidade dialogue com outros saberes; sobre quais são as implicações ético-metodológicas de se considerar, na validação do conhecimento produzido por uma pesquisa-formação, a formação como um processo que não se restringe ao *tempo-espço* da escola e da universidade.

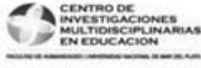
Muitas formas de compreender e explicar o mundo da vida que habitamos não estão legitimadas academicamente, mas estão escritas no mundo do texto que encontramos em livros de outras prateleiras, de outros contextos. Livros que fazem parte do modo como as pessoas narram sua própria vida e constroem a sua presença no mundo, do modo como as pessoas se formam em distintos contextos de sua vida, e, portanto, do modo como elas tomam decisões que interferem na escrita de seus textos acadêmicos. (...) Quando comecei o movimento de reconfigurar meu relato buscando construir uma espécie de “intriga acadêmica”, em que os autores e autoras que leio para a produção da tese narrativa entrariam como personagens dessa intriga, mais uma vez as dicotomias entre sujeito e objeto, entre o que é acadêmico e o que não é acadêmico, entre explicar e compreender,

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

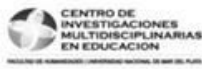
voltaram a me assombrar. Em algum momento, voltei a pensar-sentir que a objetivação e a validação do conhecimento produzido em minha pesquisa seriam conquistadas na confirmação de que o meu dizer estaria fora (ou acima) de minha experiência como pessoa, fora (ou acima) de minha presença-de-corpo no mundo, fora (ou acima) de outras leituras que também me formam. Construir uma relação dialética entre os distintos polos dessas dicotomias não é tarefa que o meu corpo assimila como um treinamento, tampouco estará concluída quando, por um atento e profundo estudo de textos, meu corpo fizer uma escrita acadêmica sobre essa relação. Sendo processo formativo, e não apenas um processo de aprender a usar mecanicamente as palavras de outros, envolve outros tempos da vida, tempos do corpo e tempos da narração entrecruzando-se; envolve a experiência do corpo para além de seus movimentos implicados na leitura e na escrita acadêmicas. (...) Dando meu texto a ler para tantas pessoas diferentes, percebi que o dito que hoje pode estar, em certa medida, fora de mim, uma vez que está fixado na escrita e que meu corpo também vive outros tempos, precisamente pode se reencontrar dentro de outros, revirando seus desejos, medos, valores e motivações, questionando sua maneira de existir e intervir nesse mundo, gerando pensamentos e sentimentos que são a subjetividade do conhecimento objetivado no momento em que o texto é lido por eles. Acredito que, neste movimento hermenêutico interpretativo de meu corpo, estou apenas começando a aprender a construir uma relação dialética entre objetividade e subjetividade na experiência de escutar o corpo do outro que me leu. Percebo que, a cada pessoa que, estando viva em meu tempo, compartilhando de diferentes espaços atravessadores de nossos corpos nesta contemporaneidade, convido a ler meu texto narrativo de experiência, surgem também diferentes textos, de distintos contextos, com os quais é possível dialogar e com os quais meu texto até mesmo aparenta ter dialogado, mesmo que eu não os tenha lido diretamente. Isso me leva a pensar no quanto é preciso cuidar do chamado que fazemos à teoria academicamente legitimada quando lemos um texto narrativo que reconstrói uma experiência de formação. É preciso cuidar do modo como fazemos a exigência da autoria das ideias ou questionamos as explicações e compreensões construídas no texto da pessoa que escreve um relato de experiência em que a intriga central busca reconstruir “como ela se formou”, em determinado contexto. Compreender que, justamente pelas relações existentes entre a vida e a narração, a produção do texto narrativo enquanto ação humana é aberta, múltipla, diversa. Inclui ausências, faltas, silêncios, e também presenças, excessos e ruídos. É preciso também reconhecer que as escritas elaboradas de modo narrativo, ainda que no contexto de uma investigação acadêmica, são, em sua mais singela, mas não menos importante, contribuição ao campo educativo, um convite para uma boa conversação. Conversação entendida como aquela ação de conversar que, sendo coisa de gente mesmo, possibilita, a cada instante da presença-de-corpo das pessoas que conversam, uma nova “experiência de palavra” e uma nova possibilidade de reflexão e reescrita dos sentidos que nos unem e nos separam na

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

leitura do texto e no modo como construímos nossa presença no mundo a partir da relação com o texto lido. (...) A conversa com as pessoas tem sido fundamental em meu processo investigativo-formativo. A mesma conversa que me move a continuar escrevendo, e recriando o saber que produzo, não se limita a um esgotamento do texto em suas supostas capacidades ou exigências objetivas de diálogo com a literatura A, B ou C, porém jamais D. Não supõe quantidade nem determina as possibilidades de combinações dessas letras, impedindo-me de livremente em meu corpo juntar A e B e C e D e E e F e... A autêntica conversa supõe escuta e possibilita que livremente com nossas palavras possamos dizer inovada e novamente um velho – ou outro – saber que nos forma e nos transforma. Eu então me pergunto: será que o mundo do texto acadêmico pode recriar o mundo desse tipo de conversa?

A saga de escrita da tese continua...

Aproveitando o ensejo da conversa, reconstruo aqui, utilizando outro estilo de escrita narrativa presente em minha tese, uma situação em que eu me encontrava em busca de leituras para refletir sobre a construção da autoria no texto acadêmico de investigações que articulem escritos sobre narrativa, experiência e formação:

Buenos Aires, 13 de junho de 2017

Três pessoas conversávamos em uma livraria da calle Puán: o vendedor portenho, o amigo brasileiro rio-grandense que vive no Pantanal e eu, a mineira fugitiva de Belo Horizonte. Entre os variados assuntos que trazíamos à conversa, como bons e velhos amigos fariam em uma agradável tarde de outono, estávamos na pachamama, na psicanálise portenha, no corpo dançante, para não dizer “rebolante”, brasileiro e na filosofia oriental. Eu estava com o livro de Walter Benjamin nas mãos (La obra de arte en la era de su reproducción técnica), já decidida a comprá-lo, porque ando desconfiada que vou ter de copiar bastante esse cara.

– Mas tem alguma coisa que me acontece quando faço aqueles movimentos de Tai Chi Chuan. Alguma coisa genial, parece até transcendental. Não é só repetir. Não é nada igual, mesmo quando parece totalmente igual.

– Então eu te recomendarei este livro “Shanzhai: el arte de la falsificación y la deconstrucción en China”, de Byung-Chul Han. Se você ler os dois, poderá contrastar duas visões muito distintas do que significa a cópia, a reprodução.

O vendedor era bom de palavra. Não tive outra alternativa senão escolher comprá-los. Morro de curiosidade para ler esses dois livros que comprei e mais um outro que aqui nem comentei, mas, por enquanto, ainda nem comeci! Faço a reprodução de parte da contracapa de um deles: “La idea de original está estrechamente entrelazada con la de verdad, y la verdad es una técnica cultural que atenta contra el cambio por medio de la

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

exclusión y la trascendencia. Los chinos aplican otra técnica cultural, que opera con la inclusión y la inmanencia. Solo en el terreno de esta última técnica es posible relacionarse con las copias y las reproducciones de manera libre y productiva”.

As ideias aqui esboçadas são pertinentes a meu processo investigativo-formativo de doutoramento, ideias sobre as quais pretendo contribuir de maneira dialógica com a literatura, em um capítulo de minha tese a que por ora denomino “Reflexões formativo-teórico-metodológicas sobre a produção de relatos de experiências de formação”. No escopo do presente texto, elas expressam questões que proponho de maneira incipiente e completamente aberta a mudanças, reformulações, novas compreensões. Mais que afirmações, são perguntas vivas em meu processo investigativo-formativo, que me motivam a aprofundar meus estudos e a participar de um evento acadêmico cuja temática está intimamente relacionada à minha investigação.

É no contexto de apresentações, oficinas, fóruns, conversas e debates sobre *Narrativas, (Auto)Biografías y Pedagogía: otra manera de conocer, decir y hacer las experiencias de formación*, que farão parte da *II Fábrica de Ideas (Historias y Prácticas)*, a ser promovida pelo *Centro de Investigaciones Multidisciplinarias en Educación de la Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina)*, no período de 7 a 9 de setembro de 2017, que apresentarei pessoalmente as reflexões aqui iniciadas, buscando, na conversa com meus pares, construir a indispensável coerência de minhas escolhas como autora de uma tese e alimentar o processo formativo que me possibilita reconfigurar a intriga narrativa de meu relato autobiográfico de experiência de formação em pesquisa narrativa.

Referências

Abrahão, M. H. M. B., org. (2004). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

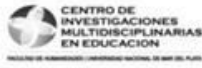
Argnani, A. (2014). *Redes pedagógicas, relatos de experiencias y formación docente*. La Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas, un estudio en caso. Tesis de

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

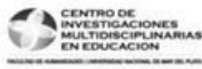
- Maestría. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- Bolívar, A. (2002). “¿De nobis ipsis silemus?”: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 4, n°1, p. 1-26.
- Bolívar, A. y Domingo, J. (2006). La investigación biográfica y narrativa en Iberoamérica: Campos de desarrollo y estado actual. *Forum: Qualitative Social Research*, v. 7, n° 4.
- Bustelo, C (2016). Experiencias de formación en contextos de encierro: un abordaje pedagógico desde la perspectiva narrativa y (auto)biográfica. Tesis de Doctorado. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- Clandinin, D. J. e Connelly, F. M. (2011). Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU.
- Dávila, P. (2014). Escribir e interpretar la experiencia docente: la documentación narrativa de prácticas pedagógicas. Tesis de Maestría. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- Delory-Momberger, C (2009). Biografía y educación. Figuras del individuo-proyecto. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- Delory-Momberger, C (2014). Experiencia y formación: biografización, biograficidad y heterobiografía. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, Vol. 19, N°62, México: COMIE.
- Delory-Momberger, C (2015). La condición biográfica. Ensayos sobre el relato de sí en la modernidade avanzada. Traductor: Miguel Orlando Betancourt Cardona. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia.

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

- Faria, J. B., Zaidan, S. (2015). Residência pedagógica, residência docente e imersão docente: pesquisas, projetos de lei e experiências envolvendo “formação prática” de professores no Brasil. Anais do IX SICEA – I SICEA Internacional - Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação: Os desafios da formação docente e a qualidade do ensino na escola contemporânea. Juiz do Fora: Colégio de Aplicação João XXIII, v. Único, p. 202-216.
- Freire, P. (1996). Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1997). Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água.
- Freire, P. (2005). Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra.
- Gondin, D. G. (2014). El saber de la experiencia: la sabiduría en la trayectoria profesional de docentes jubilados. Tesis de Doctorado. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- Josso, M. (2004). Experiências de vida e formação. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez.
- Larossa, J. (2004). Linguagem e educação depois de Babel. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica.
- Larossa, J. (2016): Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica.
- Larossa, J. et. al (1995). Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes.
- McEwan, H., Egan, K. (comps.). (2012). La narrativa en la enseñanza, el aprendizaje y la investigación. Buenos Aires: Amorrortu.
- Míguez, M. E. (2016). Aproximaciones teórico metodológicas para la reconstrucción de las experiencias de formación de los estudiantes del Plan de Finalización de Estudios Secundarios (Fines 2) en la Provincia de Buenos Aires. Ponencia. Jornadas

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

Educación y trabajo de jóvenes y adultos a lo largo de la vida. Investigaciones y estudios acerca de las políticas, los sujetos y las experiencias en la educación de jóvenes y adultos. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

Nóvoa, A., Finguer, M. (Org.) (2010). O método (auto)biográfico e a Formação. São Paulo: Paulus.

Pellauer, D. (2010) Comprender Ricoeur. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes.

Ricoeur, P. (19--). Do texto a acção: ensaios de hermenêutica II. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria Jose Sarabando. Porto: Rés.

Ricoeur, P. (1994). Tempo e narrativa (tomo I). Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus.

Ricoeur, P. (2000) A metáfora viva. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola.

Ricoeur, P. (2006). La vida: un relato en busca de narrador. Agora – Papeles de Filosofía, v. 25, nº 02, p. 9-22, 2006.

Rivas Flores, José Ignacio (2007). Vida, experiencia y educación: la biografía como estrategia de conocimiento. En: Sverdlick, I. (comp.). La investigación educativa. Una herramienta de conocimiento y acción. Buenos Aires: Novedades Educativas.

Souza, E. C. et. al. (2010). Fios e teias de uma rede em expansão: cooperação acadêmica no campo da pesquisa (auto)biográfica. Revista Teias, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, jan/abr.

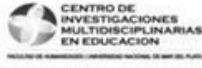
Suárez, D. H. (2008). A documentação narrativa de experiências pedagógicas como estratégia de pesquisa-ação-formação de docentes. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). Narrativas de formação e saberes biográficos. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, p. 103-121.

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

- Suárez, D. H. (2009). *Relatos pedagógicos, docentes e investigación narrativa de la experiencia escolar. Aportes de la investigación cualitativa y colaborativa para la formación y el desarrollo profesional de los docentes*. Tesis de Doctorado. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- Suárez, D. H. (2011). *Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar*. *Educação em Revista* [online], v.27, n° 01, p. 387-416.
- Suárez, D. H. (2012). *Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares*. En SVERDLICK, Ingrid (comp.). *La investigación educativa. Una herramienta de conocimiento y acción*. Buenos Aires: Novedades Educativas, p. 71-110.